

política

Campanha de Flávio fala em 'golpe judiciário'

Candidato do PL aponta interferência do STF e não reconhece resultado



Ao se manifestar pela primeira vez publicamente após o resultado das urnas, o candidato do PL, Flávio Bolsonaro, acusou o Poder Judiciário de interferir no processo eleitoral. “Foi algo inaceitável, um ministro, ex-advogado de Lula (PT), dá uma canetada, muda a regra do jogo no meio do jogo”, afirmou ao criticar a decisão do ministro Cristiano Zanin, do Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou a prorrogação do horário de votação das 17h para as 19h.

O senador Rogério Marinho (PL-RN), coordenador da campanha presidencial de Flávio Bolsonaro, afirmou ser “impressionante o nível de intervenção de alguns ministros do STF”, ao referir a determinação de Zanin. “Espero sinceramente que o bom senso prevaleça e qualquer golpe judiciário ou chicana administrativa não prospere pelo bem da democracia”, afirmou pelas redes sociais.

Apesar das reações à decisão do ministro Zanin, lideranças evangélicas alinhadas a Jair Bolso-



Senador Rogério Marinho reclamou de ‘intervenção de ministros do STF’

naro (PL) começaram a reconhecer e lamentar a vitória de Lula (PT) na eleição presidencial sem, por ora, partir para uma contestação direta do resultado. As manifestações refletem a frustração de aliados que apostaram na volta da direita bolsonarista ao Palácio do Planalto.

O pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, gravou um vídeo comentando o desfecho da disputa.

“Lamento profundamente, mas essa é a decisão do povo brasileiro”, disse após afirmar que os próximos quatro anos não serão

fáceis. “Deus tenha misericórdia do Brasil e nos livre do caos econômico e social.”

O bispo Robson Rodovalho, fundador da igreja Sara Nossa Terra, também reconheceu o resultado e defendeu a continuidade da atuação política dentro das regras democráticas. Rodovalho foi conselheiro espiritual de Bolsonaro durante o período em que o ex-presidente esteve preso na Papudinha. “Fica nossa tristeza e nossa lástima. Mas democracia é isso, vence quem consegue comunicar e convencer a maioria. Eles souberam jogar.”

Abstenção cai no 2º turno; 3 milhões a mais vão às urnas

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

A abstenção dos eleitores no segundo turno das eleições presidenciais de 2026 foi menor do que no primeiro. Enquanto 33 milhões de brasileiros deixaram de comparecer às urnas na primeira etapa da votação, em 4 de outubro, o equivalente a 21,08% do eleitorado, o número caiu para cerca de 30 milhões neste domingo (25), ou 19,21% dos eleitores aptos a votar.

A redução de 1,87 ponto percentual representa a segunda vez na história das eleições presidenciais brasileiras em que a abstenção diminuiu entre os dois turnos. A primeira ocorreu em 2022, quando Luiz Inácio Lula da Silva (PT) venceu Jair Bolsonaro (PL).

A queda no número de ausentes ocorreu em meio a uma intensa mobilização das campa-

nhas para levar os eleitores às urnas. Tanto o presidente reeleito Lula quanto o candidato derrotado Flávio Bolsonaro (PL) percorreram diferentes cidades do País e convocaram apoiadores a participar da votação. Em uma disputa marcada pela polarização política, garantir a presença do eleitorado tornou-se parte importante da estratégia eleitoral dos dois candidatos.

O esforço ganhou relevância diante do resultado apertado do primeiro turno, que registrou a menor diferença entre os dois primeiros colocados na história das eleições presidenciais brasileiras. Flávio terminou a primeira etapa à frente de Lula, mas com uma vantagem estreita, o que manteve em aberto a disputa pelo Palácio do Planalto.

No segundo turno, enquanto o candidato do PL buscou ampliar a dianteira conquistada

inicialmente, Lula precisava reverter o resultado para assegurar um novo mandato – objetivo que alcançou nas urnas. Desde a redemocratização brasileira, um candidato que perdeu em primeiro turno nunca havia ganhado as eleições.

Desde a redemocratização, a abstenção havia sido maior no segundo turno em todas as eleições presidenciais com duas etapas realizadas até 2018. Em 2022, porém, o movimento foi invertido: o índice recuou de 20,95% para 20,59%, com 570 mil eleitores a mais comparecendo à segunda votação. Em 2026, a tendência voltou a se repetir, desta vez com uma redução mais expressiva.

A queda ocorre após o primeiro turno registrar o maior percentual de abstenção em uma eleição geral desde 1998, quando 21,49% dos eleitores aptos não votaram.

No Rio Grande do Sul, Flávio Bolsonaro obteve 57,84% dos votos

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Embora tenha sido derrotado nacionalmente, com a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Flávio Bolsonaro (PL) foi o escolhido pelos gaúchos para o Palácio do Planalto. Ao todo, 57,84% dos votos válidos no Rio Grande do Sul foram destinados ao candidato do PL, ante 42,16% do petista. A disputa, marcada por um primeiro turno acirrado, no qual o filho de Jair Bolsonaro saiu na frente, terminou com uma virada inédita no segundo turno, que garantiu a vitória de Lula em âmbito nacional.

No Rio Grande do Sul, o resultado divergente do nacional já era esperado, levando em consideração resultados anteriores. No primeiro turno, o aliado político de Flávio, Luciano Zucco (PL), foi eleito governador do Estado. Na disputa presidencial, o candidato do PL também terminou a primeira etapa com vantagem expressiva, ao conquistar 55,64% dos votos válidos, contra 35,73% de Lula.

Nas eleições anteriores, Jair Bolsonaro (PL) também obteve votações expressivas no segundo turno no Estado. Em 2018, quando foi eleito presidente, recebeu 52,63% dos votos válidos dos gaúchos. Quatro anos depois, mesmo derrotado nacionalmente por Lula, alcançou 56,35% no Rio Grande do Sul.

É no Estado, ainda, que fica Nova Pádua, na Serra, município frequentemente apontado como o mais bolsonarista do País. Em 2018, Jair Bolsonaro recebeu 92,96% dos votos válidos na cidade. Em 2022, o percentual permaneceu elevado: foram 87,02% no primeiro turno e 88,99% no segundo. Já em 2026, o candidato do PL conquistou 90,56% dos votos válidos no segundo turno.

Porto Alegre, por sua vez, manteve a tendência de preferência por

candidatos de esquerda na disputa presidencial, em linha com o resultado nacional. No primeiro turno de 2026, a Capital foi a única entre as da Região Sul em que Lula ficou à frente, com 48,57% dos votos válidos, contra 41,86% de Flávio Bolsonaro. No segundo turno, o petista alcançou 55,84% dos votos válidos na cidade e Flávio apenas 44,16%.

Em 2022, Lula também venceu na Capital no segundo turno, com 53,50% dos votos válidos. Em 2018, porém, os porto-alegrenses haviam escolhido Jair Bolsonaro em vez de Fernando Haddad (PT), por 56,84% a 43,16%.

As diferenças entre os resultados regionais evidenciam que a preferência do eleitorado gaúcho não é homogênea. Enquanto a Macroregião Sul tradicionalmente registra votações mais expressivas para candidatos de esquerda, a Serra e o Norte do Estado apresentam maior apoio a candidaturas identificadas com a direita, inclusive o bolsonarismo.

A abstenção eleitoral caiu no Rio Grande do Sul entre o primeiro e o segundo turno, mesmo com a disputa pelo governo do Estado já definida. Na primeira etapa, 21,35% do eleitorado deixou de votar. Neste domingo, o índice recuou para 19,16%, o que representa 186.735 eleitores a mais comparecendo às urnas. Nacionalmente, o número de votantes cresceu 3 milhões.

É a segunda vez que o Estado registra redução da abstenção entre os dois turnos. Em 2022, o movimento ocorreu de forma inédita no Rio Grande do Sul e também no País. Naquele ano, porém, a disputa pelo governo gaúcho também foi decidida no segundo turno, e a diferença no número de eleitores que compareceram às urnas foi menor: o índice de abstenção passou de 19,79% no primeiro turno para 19,32% no segundo, uma queda de 0,47 ponto percentual.



Flávio Bolsonaro votou ao lado da esposa no Rio de Janeiro